

Uma Discussão Sobre o Conceito de Ecologia das Mídias Aplicado ao Telejornalismo¹

Elane OLIVEIRA SILVA²
José Tarcísio da Silva OLIVEIRA FILHO³
Universidade Federal de Roraima, Roraima, RR

RESUMO

O presente resumo tem o objetivo de compreender o conceito de ecologia das mídias aplicado ao telejornalismo. Por meio da metodologia de pesquisa bibliográfica, é realizado um resgate histórico do conceito, desde a sua concepção por Neil Postman e Marshall McLuhan na década de 1970, até a sua dinâmica na sociedade contemporânea, em que as mídias digitais trazem uma nova organização em suas redes. Entre os resultados encontrados, considera-se que as noções de convergência e cultura participava têm sido essenciais para refletir sobre a organização dos ecossistemas midiáticos dos telejornais.

PALAVRAS-CHAVE: Ecologia da mídia; jornalismo; ecossistemas; Neil Postman.

INTRODUÇÃO

Neil Postman foi o primeiro teórico a usar o termo *media ecology* (ecologia das mídias, na tradução para o português) no ano de 1968, em uma conferência no Conselho Regional de Professores de Inglês nos Estados Unidos. O autor não se considera criador do conceito de ecologia ou ecossistema das mídias, mas sim, a pessoa que o nomeou. Esta perspectiva teórica considera a mídia como um ambiente social, semelhante a qualquer outro (Ruotsalainen; Heinonen, 2015 apud Pereira; Souza, 2023).

Pereira e Souza (2023, p. 3), ao resgatarem o conceito de Postman, reforçam o seu significado como “estudo das mídias como ambiente”. E dizem que visa compreender de que forma os diferentes formatos de tecnologia moldam o ambiente em que vivemos e nos fazem ser moldados por tais transformações. Este pensamento traz as percepções inclusive sobre o papel do sujeito neste processo: o ser humano modela instrumentos de comunicação humana, mas ao mesmo tempo, estes instrumentos nos remodelam, sem termos consciência disso (Scolari, 2015 apud Pereira; Souza, 2023).

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Telejornalismo, evento integrante da programação do 21º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 22 a 24 de maio de 2024.

² Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da UFRR-RR, email: elanesilva2503@gmail.com.

³ Orientador e Professor do Curso de Jornalismo da UFRR-RR, email: jose.tarcisio@ufr.br.

O pensamento de Postman serviu de fundamento para outras teorias, uma delas, talvez a mais conhecida, é a perspectiva do canadense Marshall McLuhan sobre investigar como os meios de comunicação influenciam o comportamento humano e podem moldar suas atitudes pessoais. Apesar da ideia surgir na década de 1960, ainda hoje é possível pensar em um (novo) contexto comunicacional, onde a televisão e as mídias digitais, como o *streaming*, se integram e se retroalimentam com conteúdos pensados exclusivamente para cada plataforma, mas que se complementam, formando o que os autores chamam de uma nova ecologia das imagens (Kneipp; Silva, 2022).

Ainda no contexto contemporâneo, Kneipp e Silva (2022) realizaram uma pesquisa com o objetivo de identificar o grau de permanência das técnicas adotadas durante o período da pandemia da Covid-19 e a possibilidade de uma nova ecologia da mídia. De acordo com a pesquisa, a digitalização e a modernização dos meios jornalísticos só foram vertiginosas devido a popularização da internet nos anos 2000, e os anos pandêmicos só aceleraram a adesão do público para as plataformas de *streaming*, no caso do audiovisual. Essa adesão tece uma teia que liga os veículos de comunicação, que tiveram suas origens na tecnologia analógica, ao ciberespaço e faz com que os conteúdos exclusivos, ou mesmo os recortes de jornais ou entrevistas na íntegra, formem uma nova ramificação dessa ecologia da mídia (Kneipp; Silva, 2022).

Com base nesse contexto, este resumo recorre à metodologia de pesquisa bibliográfica (Stumpf, 2005) para refletir sobre o conceito de ecologia das mídias. Neste processo, também são realizados alguns tensionamentos, principalmente a partir dos Estudos Culturais e da mídia televisiva, com enfoque no telejornalismo.

ECOLOGIA DAS MÍDIAS, CULTURA E TELEJORNALISMO

Braga (2008) propõe analisar os meios de comunicação como ambientes da ação humana, uma perspectiva que inclui as dimensões materiais, históricas, econômicas e internacionais dos processos comunicacionais, visando uma análise futura para o estudo de fenômenos do campo da comunicação. Com o avanço das tecnologias da informação, a comunicação passou barreiras entre continentes e se tornou cada vez mais integrada. A autora afirma que o ato comunicacional está necessariamente assentado em um suporte material que formata/configura a mensagem, numa clara relação com a ideia de “o meio é a mensagem” cunhada por McLuhan, e a própria atividade comunicativa. Assim, enfatiza que, dependendo da cultura, a maneira como esta mensagem é compartilhada e

interpretada pode mudar, rompendo parte do tecnocentrismo das perspectivas teóricas dos primeiros estudiosos da ecologia das mídias.

Numa via complementar, Barbosa (2018) traz o embate entre os autores Raymond Williams e Marshall McLuhan em relação ao determinismo tecnológico. Williams estruturou a crítica da cultura como elemento central de sua compreensão da sociedade. O autor destacou em seu livro *Televisão: Tecnologia e forma cultural*, lançado em 1974, que a comunicação aparece como um dos meios de produção de conhecimento da sociedade e que uma determinada formação cultural é um aspecto a ser considerado para investigar a origem e os usos de uma nova tecnologia da comunicação – relutando, de maneira sutil, certo determinismo tecnológico oriundo dos estudos de McLuhan. São pensamentos alinhados à tradição dos Estudos Culturais, em conjunto com Richard Hoggart, E. P. Thompson e Stuart Hall (Barbosa, 2018).

Barbosa (2018) convoca para o debate a tecnologia comunicacional de McLuhan, que coloca sob análise a cultura de massa e os efeitos da publicidade a partir do seu aparato teórico da literatura. A perspectiva tecnológica de McLuhan preconiza um efeito amplo de mudanças sociais a partir do momento em que um novo meio de comunicação passa a ser utilizado em larga escala pela sociedade, afetando, assim, o ecossistema midiático. Apesar de não fazer parte do escopo da pesquisa do autor, que marca a segunda metade do século XX, isso pode ser aplicado a mais recente “viralização” das plataformas de redes sociais e, de maneira mais específica do TikTok, uma plataforma chinesa de vídeos rápidos que existe desde 2014 e que se tornou um dos aplicativos mais utilizados atualmente no mundo. A própria noção de “aldeia global” de McLuhan, diante hoje da ampla difusão das plataformas de redes sociais no mundo, parece, em um primeiro momento, apropriada e esclarecedora para compreender os arranjos sócio tecnológicos que se intensificaram a partir da segunda década do século XXI. Atualmente, podemos nos sentir inseridos nessa aldeia, conectados em pontos de convergência, através de diferentes telas, como a do aparelho celular, que oferta diversos formatos de consumo de conteúdo, inclusive telejornalísticos (Kneipp; Silva, 2022).

Para compreender a dinâmica dos ecossistemas de mídia envolvendo a televisão, Gutiérrez e Guerra (2018) trazem alguns conceitos que permitem inferências à mídia televisiva. Os autores refletem sobre o papel dialógico que as mídias tradicionais e a internet possuem em torno da sociedade, e para isso, partem do pressuposto de que a

comunicação é um processo inerente ao ser humano. Logo, analisam, através dos meios de comunicação, o seu papel no estilo de vida das pessoas, ao mesmo tempo em que refletem em que medida este processo de modelagem de concepções e estilos são mútuos.

Eles abordam o termo *Cultura participativa*, que integra o conceito de convergência midiática criado por Henry Jenkins (2009), que, segundo Gutiérrez e Guerra (2018), está em desenvolvimento devido às possibilidades de comunicação que a internet permite. Trazendo essa discussão para os ecossistemas comunicacionais, propõem a influência dos meios em pelo menos duas esferas: a social e a cultural, levando em consideração que estes processos podem ser mútuos, ao serem potenciais modeladores das suas culturas; quando tal miscigenação de influências acaba por determinar as características que cada uma delas tomará ao longo do tempo. Isto entra em consonância com a cultura participativa, que demonstra a existência de espectadores mais ativos no processo de produção de conteúdo gerado pelos veículos de mídia. Assim, as pessoas possuem a possibilidade de interagir com o conteúdo exposto, além de criticá-lo ou expor outros pontos de vistas sobre os quais tem diferença ideológica. Desse modo, desmistifica a cultura de que o espectador é totalmente alheio aos conteúdos que consome, podendo, também, influenciar o fluxo de informações (Gutiérrez; Guerra, 2018).

Para entender como os conceitos de convergência midiática e de ecossistemas de mídia se entrelaçam, os autores mencionam as pesquisas de Capra (1996), que visualizam as relações por meio da ecologia, encontrando a interdependência entre os processos sociais e assumindo que a sociedade é modelada de acordo às relações que estabelece com o meio em que habita. Daí surge o conceito de ecossistema, sendo “redes dentro de redes”, possibilitando que em cada organismo envolvido neste processo dialógico, sejam encontrados por outros organismos, com igual capacidade de influência e reprodução. Em um sentido figurado, nos estudos midiáticos e do campo do jornalismo, os organismos podem ser representados pelos usuários, jornalistas, entrevistados e até mesmo os veículos e as mídias. No caso do telejornalismo, tais redes podem ser visualizadas tanto de maneira endógena ao noticiário, portanto, no horário de sua exibição na grade de programação do canal aberto ou fechado, em que são dedicados espaços para a manifestação da cultura de participação oriunda dos públicos que compõem a audiência; como também de modo externo, quando os telejornais e seus

jornalistas “fogem” do engessamento da grade de programação do aparelho televisor, para complementar conteúdos em perfis de sites de redes sociais e até mesmo em plataformas de *streaming* do grupo de mídia em que fazem parte.

Uma pista para se pensar os elementos que colaboram com a diversidade da ecologia da mídia televisiva, na perspectiva endógena, é apresentada por Musse et al. (2023) ao analisar quadros de jornalismo colaborativo do telejornal regional MGTV, da TV Integração de Juiz de Fora, Minas Gerais. Os autores relatam que o telejornalismo tem se utilizado de aplicativos de mensagens, como WhatsApp, evidenciando um canal relevante de contato com o público - algo próximo à perspectiva de cultura participativa, já que o público é constantemente convidado a participar do noticiário (Gutiérrez; Guerra, 2018). Essas contribuições, frequentemente, são exibidas em um formato noticioso exclusivo para este fim, o “VC no MGTV”. Entretanto, “essa dinâmica carece de aperfeiçoamento, como mecanismo mais ágil de apuração sobre reclamações apresentadas pelos telespectadores, por exemplo. A fim de que se evite a construção de uma interatividade superficial com a audiência” (Musse et al., 2023, p. 115).

Um exemplo de constituição de redes externas ao telejornal, é quando são disponibilizadas produções em mídias sociais, que emergem como um “complemento” do que será visto (ou que foi veiculado) no telejornal - tal dependência explica a própria concepção de “redes dentro de redes”. Fraga (2023), ao realizar uma análise de 506 vídeos publicados em perfis de três emissoras brasileiras e três estadunidenses no site de rede social audiovisual TikTok, destaca que as estações brasileiras têm feito mais uma transposição do conteúdo dos telejornais para o TikTok, entretanto, no país norte-americano identifica-se produções exclusivas para a plataforma. A autora chama a atenção para a necessidade do telejornalismo veicular narrativas inovadoras, de maneira a reconhecer e explorar as tendências de formatos que são populares na rede social digital. Podemos abordar esta consideração, como uma necessidade da mídia televisiva em reconhecer as dinâmicas que fazem parte da ecologia das mídias contemporâneas, como os comportamentos oriundos da convergência midiática (Jenkins, 2009).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões apresentadas neste resumo constituem a primeira etapa de uma pesquisa de iniciação científica que será complementada com a análise e o mapeamento do ecossistema midiático do telejornal local JRR1, da Rede Amazônica, afiliada da

Rede Globo em Roraima. A pesquisa bibliográfica empreendida aqui aponta que abordar a ecologia das mídias no contexto televisivo é preciso, a priori, reconhecer o que tomamos como sendo televisão na sociedade atual, seja no paradigma midiocêntrico, oriundos dos estudos de McLuhan e Postman, ou mesmo sob a luz dos Estudos Culturais. Investigações da Rede Nacional de Pesquisadores em Telejornalismo (Rede Telejor) têm apontado, como discussão já superada, que a mídia televisiva é multitelas e não pode ser enquadrada apenas pelo acesso analógico (Pereira et al. 2023). A partir deste ponto, contribui-se para problematizar teorias, com consequências metodológicas, para lidar com a ecologia das mídias no contexto da convergência e da cultura participativa, em que as mídias não podem ser analisadas de maneiras isoladas.

Ao transpor esta discussão para o telejornalismo, enfrenta-se ainda outros desafios, como limitações organizacionais, políticas de rede que não consideram as regionalidades de grandes nações, como o Brasil, além da ausência de tempo e de condições de trabalho para acionar todas as potencialidades que os estudos de ecologia das mídias (televisivas) têm tornado visível no campo das teorias.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Rodrigo Miranda. Marshall McLuhan e Raymond Williams: a trajetória de um debate sobre as tecnologias da comunicação. 41º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2018, Joinville. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2018, p. 1-15

BRAGA, Adriana. Ecologia das Mídias: uma perspectiva para a comunicação. In: XXXI CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2008, Natal. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2008, p. 1-11.

FRAGA, Larissa. O telejornalismo no TikTok. In. PEREIRA, Ariane et. al. (Orgs.) **Na TV e em outras telas**. Florianópolis: Editora Insular, 2023, p. 193-211.

GUTIÉRREZ, Hernán; GUERRA, Cláudia. Ecosistemas comunicacionais: a convergência entre a mídia tradicional, a internet e a sociedade. **Revista Eletrônica Mutações**, v. 9, n. 16, p. 1-13, 2018.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

MUSSE, Christina Ferraz et al. A participação do público em diferentes telas: mudanças e permanências na forma de interação no “MG1” da Zona da Mata mineira. In. PEREIRA, Ariane et. al. (Orgs.) **Na TV e em outras telas**. Florianópolis: Editora Insular, 2023, p. 99-117

PEREIRA, Ariane et. al. (Orgs.) **Na TV e em outras telas**. Florianópolis: Editora Insular, 2023.

PEREIRA, Natana Lopes; SOUZA, Marcio Vieira. Ecologia das Mídias e a Plataformização: desafio curricular no ensino híbrido. **e-Curriculum**, São Paulo, v. 21, p. 1-25, 2023.

SILVA, Vinicius Henrique; KNEIPP, Valquiria Aparecida Passos. Telejornalismo pós pandemia: uma análise das práticas sociais reconfiguradas no Brasil. 2022. 12º Encontro de Jovens Pesquisadores em Jornalismo, 2022, Fortaleza. **Anais...** Brasília: SBPJOR, 2022, p. 1-25.

STUMPF, Ida. Pesquisa Bibliográfica. In. DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo. Atlas, 2005, p. 51-61.